

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Heurística e Organização Científica
Prof. Dr. Oscar João Abdounur

Ginástica para todos e a identidade cultural no Amazonas - à luz de Polya

Lionela da Silva Corrêa
São Paulo, 2020.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. OBJETIVOS.....	3
2.1 OBJETIVO GERAL	3
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	3
3. MÉTODO.....	4
3.1 NATUREZA DA PESQUISA	7
3.2 PROCEDIMENTOS	8
3.2.1 Participantes da pesquisa	8
3.2.2 Coleta de dados.....	8
3.2.3 Análise dos dados	9
4. REFERÊNCIAS	11

1. INTRODUÇÃO

Aprendemos com a experiência, ou melhor, devemos aprender com a experiência. Fazer o melhor uso possível da experiência é uma das grandes tarefas humanas e trabalhar para essa tarefa é a vocação própria dos cientistas. Um cientista que merece este nome se esforça para extrair a mais correta crença a partir de uma determinada experiência e reunir a experiência mais adequada para estabelecer a crença correta em relação a uma determinada questão (POLYA,1954).

A partir disso trataremos aqui sobre a experiência de um grupo de ginástica para todos do Amazonas que trabalha com temas da identidade cultural amazônica e a partir dessa experiência verificar como acontece a aproximação com a cultura e o processo de construção de identidade cultural. Buscaremos explicar esse estudo a luz de Polya.

A ginástica para todos – GPT é compreendida como uma manifestação da cultura corporal que agrupa as diversas interpretações da ginástica com outras formas de expressão corporal de maneira livre e criativa.

Com um alto valor educacional, devido aos seus aspectos sociais, recreativos e de saúde, esta prática permite a participação de qualquer pessoa, independente de cor, nível social, idade, sexo, condição física ou técnica, tendo o aspecto lúdico como uma de suas principais características (FIG, 2009).

A GPT faz parte de uma das práticas regida pela Federação Internacional de Ginástica – FIG, de caráter não competitivo, e no Brasil é regida pela Confederação Brasileira de Ginástica – CBG e suas federações estaduais.

Embora o esporte de competição tenha tomado a atenção da FIG, e a maior parte de seu orçamento, os incentivos para a prática da ginástica não-competitiva continuam presentes. Desde a década de 50 a FIG realiza o festival de ginástica para todos, denominado de Gymnaestrada Mundial que busca fomentar a prática da GPT, contribuindo, indiretamente, para a promoção da saúde, do bem-estar físico, social, intelectual e psicológico de seus praticantes (PATRICIO; BORTOLEDO; CARBINATTO, 2016). No Brasil esse incentivo se dar por meio do Festival Gymbrasil.

Em relação aos grupos participantes do Brasil na Gymnaestrada ao longo dos anos, percebe-se que a maioria são oriundos da região sudeste do Brasil, mais especificamente dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde a GPT tem tido maior expressão e desenvolvimento (PAOLIELLO, 2014).

O Gymbrasil, assim como a Gymnaestrada mundial, ainda não conseguiu contemplar

todas as regiões do Brasil quanto a representatividade. Na edição do Gymbrasil de 2013, por exemplo, participaram apenas grupos da região sul, sudeste e nordeste (CARBINATTO; SOARES; BORTOLEDO, 2016). Em relação aos locais que já sediaram o evento ainda não houve nenhuma edição na região norte.

Iniciativas para difundir a Ginástica Para Todos em todo território nacional, muitas vezes fica a cargo dos grupos já existentes. Nos últimos anos o incentivo vem acontecendo dentro das universidades, impulsionando a GPT para dentro do meio acadêmico (SILVA; ZYLBERBERG, 2016).

O Amazonas não possuía uma cultura de prática da GPT e as poucas tentativas de consolidar um grupo, nos últimos anos, não tiveram muito sucesso. No entanto, em 2018, a partir de uma parceria entre o Grupo de estudos e pesquisas em ginástica - Gymnusp da Universidade de São Paulo e o Programa de dança, atividades circenses e ginástica – Prodagin da Universidade Federal do Amazonas, iniciativas para formação de um grupo de GPT foram fomentadas.

Sabendo que uma das características da GPT é a valorização cultural e que a cultura do Amazonas é rica em representações simbólicas (lendas, mitos, religiosidade popular, dentre outros), sendo esses o alicerce para a construção da sua identidade cultural, muito bem expressadas nas mais diversas manifestações culturais, como por exemplo o festival de Parintins, indagamos se esses elementos trabalhados na GPT podem contribuir para uma aproximação dos praticantes com sua própria cultura e com a prática de ginástica, transformando em uma prática mais significativa a fim de consolidar um grupo local, e assim mostrar representatividade nos eventos nacionais e internacionais.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar um processo de composição coreográfica em Ginástica para Todos cuja temática perpassará a identidade cultural do Amazonas em um grupo de extensão universitária

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Co-construir, junto a discentes participantes de um projeto de extensão em GPT, uma composição coreográfica em GPT com a temática da cultura amazonense, mais precisamente,

do Festival de Parintins;

- Identificar quais são os elementos que identificam a cultura amazônica e o Festival de Parintins;
- Acompanhar e analisar como e quais elementos e estudos são sugeridos e implantados pelo grupo e que constituem com uma identidade bumbá amazônica;
- Averiguar a percepção e sentimento de pertencimento dos participantes da pesquisa sobre a inclusão de elementos de cultura popular amazônica nas coreografias de ginástica para todos e se aqueles facilitam a incorporação e/ou consolidação de um grupo de GPT na universidade.

3. MÉTODO

A fim de formular uma conjectura a respeito da prática de GPT e construção da identidade cultural fizemos uma analogia com o Festival de Parintins, mais precisamente as tribos coreografadas, e a prática de GPT.

A cidade de Parintins é uma ilha localizada no interior do estado do Amazonas, e realiza no último final de semana do mês de junho o Festival Folclórico de Parintins. Este festival é realizado desde 1989 no Bumbódromo, local destinado a disputa entre os dois principais astros da festa, o Boi Garantido, nas cores vermelho e branco, e o Boi Caprichoso, nas cores azul e branco.

Essa disputa, que tem origens nordestinas advindas do *Bumba Meu Boi*, nasceu com a criação dos bois em 1913, quando Rock Cid criou o Boi Caprichoso e Lindolfo Monteverde o Boi Garantido. Ambos criadores tinham origem nordestina e acabaram por levarem em suas bagagens a sua cultura, e ao chegarem em Parintins as colocaram em prática como forma de manifestação popular, o brincar de boi.

O brincar de boi na Ilha da Magia, como também é conhecida a ilha de Parintins, sofreu e sofre alterações o ano todo. A brincadeira que começou em volta das fogueiras em terrenos e quintais de ambas as famílias acabou por tomar proporção pela cidade, começando a sair em cortejos e ganhando admiradores por onde passava. Assim, começou uma grande visibilidade em torno dos bois dentro da cidade e posteriormente os bois ganharam seus espaços em festivais, até chegar o momento em que os grandes astros da festa eram os bois de Parintins.

Essa visibilidade nos festivais fez com que os Bois tivessem que se superar a cada disputa, tendo então que se reinventarem em suas apresentações. Foi assim, que começaram a surgir a manifestação regional do Amazonas dentro do contexto bumbá.

Hoje os bois possuem um total de 21 itens que são avaliados durante as apresentações dos seus espetáculos, são eles: apresentador, levantador de toadas; batucada ou marujada; ritual

indígena; porta-estandarte; amo do boi; sinhazinha; rainha do folclore; cunhã poranga; boi bumbá evolução; toada: letra e música; pajé; tribos indígenas; tuxauas; figura típica regional; alegoria; lenda amazônica; vaqueirada; galera; coreografia e organização do conjunto folclórico. Destes, entre itens individuais e coletivos, as tribos indígenas coreografadas (coletivo) ganharam bastante notoriedade nos últimos anos. Elas são as ramificações de dois itens: tribos indígenas e coreografia, e apresentam contextos históricos de tribos indígenas e rituais.

Como forma de engrandecer o espetáculo, as tribos acabam por utilizar, além da sua característica regional, como fantasias indígenas, pinturas e penas, o auxílio da tecnologia, como o uso de luzes *leds* e projeções na arena (local onde acontece os espetáculos). Porém, grande destaque coreográfico advém dos aspectos gímnicos presentes em suas coreografias, como saltos, figuras, lançamentos e desenhos coreográficos coletivos, tudo como forma de maior leitura visual dos movimentos e entretenimento do público.

A presença dos elementos gímnicos no Festival Folclórico de Parintins pode ser correlacionado, indiretamente, aos aspectos apresentados pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) no que diz respeito a Ginástica Para Todos (GPT), no qual além de um caráter coreográfico e competitivo presente nas tribos coreografadas, é possível destacar a contribuição desses trabalhos em relação a promoção da saúde, do bem-estar físico, social, intelectual e psicológico (PATRÍCIO; BORTOLETO; CARBINATO, 2016), uma vez que todo o elenco participante das tribos fazem parte de forma voluntária.

Em continuidade, a FIG apresenta os seus quatro fundamentos (“4Fs”) “*Fun; Fitness; Fundamentals; Friendship*” (Diversão; Fitness; Fundamentos; Amizade) (PATRÍCIO; BORTOLETO; CARBINATO, 2016), que são possíveis ser vistos no processo de criação do espetáculo de ambos os bois.

O *Fun* é considerado um fundamento presente em todos os segmentos do festival, porém, em específico das tribos coreografadas. Uma tribo é composta, muitas vezes, por integrantes de várias cidades, que participam de forma voluntária com o propósito de diversão, onde as coreografias são ensaiadas em várias cidades diferentes, (por exemplo: Manaus, Maués, Juruti, Pres. Figueiredo e Nhamundá) para finalmente se reunirem, geralmente na última semana que antecede o festival, e realizarem o ensaio geral na cidade de Parintins.

Pensando que este processo de preparação não é de curto prazo, pelo contrário, é uma preparação que leva aproximadamente 10 meses, é possível perceber que o fundamento *Fitness* também se faz presente. Muitos integrantes de tribos, além de participarem do festival de Parintins, acabam por fazerem parte de outros festivais, tais como: Juruti, Nova Olinda,

Manacapuru e Manaus, com isso, acabam encontrando nas tribos coreografadas uma forma contínua de cuidado com o corpo, através dos ensaios e apresentações.

Esses ensaios e apresentações são recheados de movimentos gímnicos, onde são elaborados, testados e aperfeiçoados de forma conjunta pelos próprios integrantes do corpo coreográfico, assim, nos fazendo perceber a presença do *Fundamentals*. Os saltos, lançamentos, rolamentos, desenhos, figuras e outros aspectos da ginástica estão presentes nos trabalhos de tribos coreografadas.

Tais fundamentos da GPT, atrelados a regionalidade e o contexto amazônico, acabam por sofrer alterações, em que muitas vezes é possível ver uma variação de movimento ou adaptação de movimentos por motivos estéticos (indumentária) que o indivíduo esteja usando, como por exemplo: um rolamento com uma costeira de penas e cocá (adereços indígenas) que o indivíduo precise utilizar durante a sua apresentação irá sofrer alterações em sua execução para que possa ser realizado, mas não perderá a sua essência e origem, tendo em vista que é um movimento gímnico.

No quesito figuras e desenhos coreográficos, por se tratar de um grupo com um número que varia de 50 a 100 integrantes, esses desenhos são de suma importância para uma maior visibilidade da coreografia que são utilizados como forma de efeito e impacto durante as suas apresentações.

O fundamento *Frindship* é observado durante e após o processo de criação e execução dos espetáculos, no qual são vistas as amizades fortalecidas entre os integrantes que são oriundos de várias cidades. Importante destacar que essas amizades que se originam por meio das tribos coreografadas permitem aos envolvidos conhecerem novas pessoas e novas culturas através desse envolvimento.

Por fim, no festival de Parintins, é possível perceber o boi-bumbá como um lugar em que os atores projetam suas percepções de mundo e constroem suas concepções identitárias. Essa identidade se revela como um conjunto de valores e papéis em constante processo de mudança e de atualização. O boi-bumbá é um espetáculo constituído pelo encanto das toadas e lendas, representações de rituais indígenas e celebrações tribais povoadas por seres míticos amazônicos, uma expressão máxima da genuinidade cultural da região Norte do Brasil (FURLANETTO, 2011).

Sendo analogia uma espécie de semelhança (POLYA, 1954), comparação ou relação de semelhança entre coisas ou fatos distintos, fizemos uma analogia entre o processo de construção da identidade cultural nas tribos coreografadas do festival de Parintins com os participantes de um grupo de GPT.

A partir dessa analogia nossa conjectura é que o trabalho cultural no processo coreográfico no grupo de GPT aproximará os sujeitos com a cultura amazônica, fortalecendo sua identificação, assim como o trabalho com a temática poderá fortalecer a prática de ginástica para todos – GPT.

Isso porque o grupo de GPT é um grupo bastante heterogêneo, há pessoas que nasceram na década de 80 e 90 e por isso tem uma aproximação maior com a cultura do boi bumbá, quando na cidade de Manaus havia mais investimentos na área, e há pessoas que nasceram próximo do ano 2000 que não viveram o bum do boi bumbá e já viveram a época que podemos chamar de desculturalização, em que aquelas manifestações se restringiram a datas e locais específicos na cidade de Manaus. Assim, acreditamos que quem tem uma proximidade com o festival de Parintins a temática trabalhada no grupo de GPT pode favorecer a sua permanência na prática de ginástica, e para aqueles que não tem proximidade com essa cultura a temática trabalhada pode favorecer essa aproximação e construção de uma identidade cultural amazônica.

Nosso método é o indutivo. De acordo com Polya (1954) a indução geralmente começa com a observação, assim, observamos as tribos coreografadas do festival de Parintins e fizemos uma analogia com a GPT a fim de chegar a uma conjectura.

Nesse sentido Polya (1954) declara que chegamos a uma declaração geral claramente formulada, que, entretanto, é apenas uma conjectura, apenas provisória. Ou seja, a afirmação não está de forma alguma provada, não pode ter qualquer pretensão de ser verdadeira, é apenas uma tentativa de chegar à verdade. Essa conjectura tem, no entanto, alguns pontos de contato sugestivos com a experiência, com "os fatos", com a "realidade". É preciso, portanto, tentar provar ou contestar; deve testá-la. Para isso, a fim de testar nossa conjectura seguimos os passos seguintes.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa caracteriza-se como pesquisa ação participante que pode ser compreendida como aquela que articula ao processo de produção de conhecimento o agir educativo, político, coletivo e democrático, compartilhado, participativo, emancipatório e transformador (TOZONI-REIS, 2007).

Com abordagem qualitativa está relacionada aos sentidos que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e à maneira como as pessoas compreendem este mundo, tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais em termo dos sentidos que as pessoas lhes atribuem (POPE e MAYS, 2009).

Assim, forma-se uma equipe de pesquisa integrada, unindo pesquisadores – agentes de mudança – com o grupo ou comunidade, na qual se realiza a investigação, interagindo os criadores do projeto de pesquisa com os representados da própria realidade, os construtores de um projeto de vida (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 73).

Não é possível estabelecer um modelo rígido para esse tipo de pesquisa, mas há um esquema que pode ser utilizado em três fases: 1. Fase inicial – trata-se ao contato com a comunidade. 2. Fase intermediária – refere-se a estrutura administrativa da pesquisa. Define-se as ações, técnicas e instrumentos para a obtenção de informações e posteriormente na análise encontrar a solução do problema. 3. Fase de execução e avaliação – diz respeito ao envolvimento da comunidade no projeto de investigação, visando de modo sistemático encontrar solução para o objeto de estudo (MARCONI; LAKATOS, 2011).

3.2 PROCEDIMENTOS

3.2.1 Participantes da pesquisa

- Serão 30 pessoas com 18 anos ou mais, participantes de Grupo em formação de ginástica para todos do Programa de dança, atividades circenses e ginástica – Prodagin.

A coleta de dados acontecerá após aprovação junto ao Comitê de ética.

3.2.2 Coleta de dados

A coleta e dados acontecerá a partir da composição de uma coreografia de GPT tendo como temática a identidade cultural do Amazonas, mais precisamente, o festival de Parintins. Todo esse processo será estudado e analisado.

Os participantes do grupo de GPT do Prodagin (participantes da pesquisa) co-construirão essa coreografia junto com os pesquisadores. Será realizado um grupo focal inicial perguntando o que e/ou quais elementos da identidade cultural amazonense poderia estar presente numa composição em GPT. E o que e/ou quais elementos de Parintins poderiam estar presentes.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico a partir de um grupo de participantes selecionados, buscando colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços (TRAD, 2009).

No decorrer deste processo (de composição coreográfica) nas aulas subsequentes serão realizadas observação participantes (com registro de foto, vídeo, e diário de campo).

Esse processo de construção coreográfica, fazendo uma analogia com o método de resolução de problemas proposto por Polya, passará por quatro fases (POLYA 1995 apud PONTES, 2019):

- Compreender o problema (CP): Conhecer os aspectos da ginástica para todos - GPT, sua metodologia de trabalho, pautada nos 4F's (Fun, Friendship, Fitness, Fundamentals), e em um trabalho coletivo. Além disso conhecer os aspectos culturais amazônicos e suas identidades a fim de trabalhar a temática em uma composição de GPT, mas conhecer também a compreensão que os sujeitos da pesquisa têm de identidade cultural amazônica, para isso o primeiro grupo focal nos dará respostas.

Também será organizada uma visita técnica a grupos que treinam para Parintins, especificamente para tribos coreografadas, em que serão realizadas entrevistas com os coreógrafos dos grupos (do caprichoso e do garantido), a fim de conhecer o processo de construção das tribos coreografadas e auxiliar na composição coreográfica do grupo de GPT do Prodagin.

- Designar um plano (DP): Com base nas informações anteriores, planejar as atividades a fim de fazer os praticantes de ginástica possam coparticipar do processo de construção coreográfica de forma autônoma e eficiente, visando o cunho democrático.

- Executar o plano (EP): Após esse planejamento é hora de executar, apresentando a prática da GPT ao grupo, propondo pesquisas sobre o tema (Amazônia), trazendo questões geradoras a fim de promover a reflexão e criatividade na hora de montar a coreografia. E para verificar cada passo da execução, após o fim de cada aula será preenchido pelos participantes um diário de campo a fim de eles expressarem suas percepções sobre todo o processo, e servir de feedback aos pesquisadores.

- Retrospecto do problema (RP): é possível verificar o resultado encontrado? Sim, Mais dois grupos focais serão realizados com o grupo de GPT, um após a definição da música utilizada para a coreografia e ao final de todo o processo, e assim perceber como a identidade cultural pode (ou não) motivar, orientar, guiar e fortalecer a prática de um grupo de GPT. Além de averiguar a percepção e sentimento de pertencimento dos participantes da pesquisa sobre a inclusão de elementos de cultura popular amazônica nas coreografias de ginástica para todos. Além disso a análise fenomenológica nos permitirá compreender de forma mais profunda a experiência do mundo vivido dos participantes da pesquisa expressado pelo corpo, e sua relação com a construção de uma identidade cultural.

3.2.3 Análise dos dados

A análise dos dados será realizada por meio da análise fenomenológica de Merleau-

Ponty. Este, seguindo a linha fenomenológica inaugurada por Edmund Husserl, desenvolveu seu pensamento com ênfase no conceito ser-no-mundo, procurando compreender a experiência do mundo vivido e sua expressão pelo corpo próprio (JOSGRILBERG, 2006).

Nesse sentido, de acordo com Merleau-Ponty, o sujeito não tem um corpo, ele é o seu corpo, ou seja, um corpo que percebe e ao mesmo é percebido, portanto deve deixar de ser concebido como objeto, como coisa. É a partir do corpo próprio que ele está no mundo, em relação com os outros e com as coisas, assim, o corpo não pode ser visto como um receptor passivo das coisas que nos rodeiam (LIMA, 2014).

Assim nos apoiando na fenomenologia de Merleau-Ponty buscaremos compreender esse ser-amazônico que é construído por meio da expressão do corpo experienciados na GPT. Para Merleau-Ponty a relação físico e psíquico não são substâncias distintas, mas características da existência sempre interligadas pela vida (NÓBREGA; CAMINHA 2019).

Para entender essa relação sujeito e mundo, ou melhor, as relações entre a consciência e natureza, o interior e o exterior é importante fazer uma descrição da concepção de sujeito para a tradição filosófica. Descartes estabelece uma filosofia que tem como ponto de partida e como referência o homem interior, a subjetividade, ou seja, há um deslocamento do ser para a consciência. Essa subjetividade vinda do cartesianismo vai modificar o conhecimento da realidade, cujo real agora será apreendido pela consciência. Assim, há uma separação entre sujeito e objeto, isto é, o objeto passa a ser algo que é representado por um sujeito que lhe entrega sentido (LIMA, 2014). Portanto “não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente o mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 13-14).

O corpo possui uma intencionalidade própria que o faz caminhar criativamente em seu entorno, não se trata de um conjunto de eventos ou órgãos sobrepostos, não segue a uma racionalidade imposta mesmo quando pensamos que isso já está dado. Dessa forma, não é absolutamente objetivo, nem subjetivo, mas desvela uma possibilidade infinita de perceber o mundo, vendo-o ao mesmo tempo, interligado constantemente com o entorno, nesse sentido o corpo é um participante ativo e criativo, com relação a sua situação de mundo, ou seja, a partir da intencionalidade dispõe de formas próprias de lidar com o ambiente (PORPINO, 2019).

De acordo com Ranieri (2011, p. 59) para conseguir alcançar uma análise fenomenológica o pesquisador deve se preparar para aprofundar-se na experiência vivida, se debruçando sobre a narrativa transcrita, escavando-a e deslocando a atitude natural para que se tente chegar à estrutura-base da vivência.

Para isso o pesquisador tentará assimilar a essência da experiência vivencial – como se

manifesta a experiência –, observando atentamente o conteúdo expresso da vivência no fluxo de consciência do indivíduo e fazendo a análise intencional para reter a estrutura típica, a qual é específica e própria do objeto, daquilo que se mostra a ele (RANIERI, 2011).

Por fim, o pesquisador fará uma descrição fenomenológica da estrutura típica como ela se apresentou após o percurso e a tentativa de apreender essa matriz do objeto. Esta descrição não pode ser simplesmente superficial nem uma interpretação, mas objetiva captar o significado das coisas. Ela segue duas linhas: a primeira para o “interior do indivíduo analisando as experiências vivenciais” – “o que se vive”, e a segunda se preocupando com a intersubjetividade, analisando as perspectivas de mundo (RANIERI, 2011).

Para deixar o processo de análise mais fidedigno, teremos um “*Critical Friend*”, ou seja, além dos pesquisadores envolvidos mais diretamente na pesquisa, um pesquisador que não fez parte do processo de coleta de dados, fará a leitura de todo o material e também fará uma análise para ser confrontada com as outras análises, e assim evitar qualquer tipo de viés relacionado as análise dos dados.

4. REFERÊNCIAS

CARBINATTO, Michele Viviene; SOARES, Daniela Bento; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. GYM BRASIL - Festival Nacional de Ginástica para todos. *Motrivivência* v. 28, n. 49, p. 128-145, 2016

CARVALHO, Kássia Mitally da Costa. et al. Ginástica para todos no Ceará: História da modalidade no estado. *Conexões*, v. 14 n. 4 p. 3-24, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. *História*. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/historia>

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. *Gymnastics for All: Regulations Manual*. Gymnastics for All Committee, 2009.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Território e identidade no boi-bumbá de Parintins. *Revista Geográfica de América Central*, n. Especial EGAL, p. 1-15, 2011.

JOSGRILBERG, Fabio Botelho. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e a pesquisa em comunicação. *Revista Fronteiras, estudos midiáticos*, v. VIII, n, 3, p. 223-232, 2006.

LIMA, Antonio Balbino Marçal. A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: LIMA, ABM., org. *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, pp. 77-102. ISBN 978-85-7455-444-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. *Fenomenologia da percepção* [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *Merleau-Ponty e a Educação Física*. São Paulo: Liber Ars, 2019.

PAOLIELLO, Elizabeth. A ginástica geral na América do Sul. In: *Anais do VII Fórum Internacional de Ginástica Geral/ Marco Antonio Coelho Bortoleto et al. organizadores* - Campinas, SP: UNICAMP/FEF: SESC, 2014.

PATRÍCIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CARBINATTO, Michele Viviane. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, v. 30, n. 1, p. 199-216, 2016.

POLYA, G. *Mathematics ' and Plausible Reasoning*. London : Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1954.

PONTES, E.A.S. Método de Polya para resolução de problemas matemáticos: uma proposta metodológica para o ensino e aprendizagem de matemática na educação básica. *HOLOS*, v. 3, n. 35, p.1-9, 2019.

POPE, Catherine.; MAYS, Nicholas. *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Educação Física e Fenomenologia: Paisagens em trânsito. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia da; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *Merleau-Ponty e a Educação Física*. São Paulo: Liber Ars, 2019. pp. 93-106.

RANIERI, Leandro Penna. *Dimensões existenciais do esporte: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual*. 140 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de pós-graduação stricto sensu em Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, Tailan Ewerk Dantas da; ZYLBERBERG, Tatiana Passos. Possibilidades de inserção da cultura popular da região norte do Brasil em Coreografias de ginástica para todos. *Conexões*, v. 14, n. 4, p. 47-75, 2016.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A construção coletiva do conhecimento e a pesquisa-ação participativa: compromissos e desafios. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v.2, n.2, p. 89-107, 2007

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009